

A 30 de JUNHO DE 1956

I - Introdução

É costume considerar na Introdução os aspectos fundamentais da evolução do Organismo durante o período a que se refere este relatório. Em todo o caso, porque este ano haverá uma remodelação total nos elementos que constituem a Direcção Geral da JUCF, consideramos oportuno fazer um relatório que abranja não só o ano findo, mas o período que começou em 1952, portanto, 4 anos de actividade jucista.

Parece-nos de interesse considerar este período e não unicamente o que se refere ao ano passado, porque ele traduz uma evolução continua na vida da JUCF, resultado de uma nova orientação, que a pouco e pouco se foi definindo. É claro que este período foi preparado pelas duas Direcções Gerais de 1950-51 e 1951-52 que transformaram a JUCF de um movimento anónimo dentro da Acção Católica num movimento em que se lançaram as bases de um verdadeiro apostolado universitário. E este foi sem dúvida o aspecto fundamental da nova orientação Jucista. O trabalho realizado no período de 1952 a 1956 mais do que foi de que a concretização e explicitação das ideias, exigências, tarefas, que a vocação universitária em si tinha contidas. É nesta perspectiva que vamos salientar alguns aspectos da actividade Jucista e da orientação do Organismo.

Parece-nos fora de dúvida que houve algum progresso dentro da JUCF quer no que se refere a este período quer mesmo no que se refere ao ano de 1955-56 em relação aos anos anteriores. Vamos tentar esboçar muito sumariamente os aspectos fundamentais desse progresso.

1. Descoberta de uma orientação própria

A orientação da Juventude Universitária Católica Feminina resulta necessariamente do ponto de encontro das três características que a definem: Juventude Universitária - Juventude Católica - Juventude Feminina.

1.1. Juventude Universitária

Porque nos parece ser este o traço distintivo em relação aos outros Organismos da JCF - salientámo-lo em primeiro lugar. Como Juventude Universitária, o



apostolado da JUCF há-de ser primariamente um apostolado da inteligência, pela inteligência e sobre a inteligência. Não pode pois limitar-se a uma formação de pessoas feita mais ou menos "ad hoc", sem o conhecimento de todas as dimensões da incarnação numa situação própria. Não pode tão pouco limitar-se a uma acção no meio universitário que tenha como objectivo recrutar gente, conquistar pessoas, sem lhes dar uma especialização profunda do seu dever de estado. Não, o apostolado universitário tem que ir ao fundo das razões mesmas da conversão das pessoas, dando-lhes um "background" religioso, oferecendo-lhes a possibilidade de se centrarem, de se encontrarem e de se definirem. Não pode por isso utilizar o caminho natural do sentimentalismo fácil nem acomodá-lo às formas rotineiras. Tem de ir mais longe e procurando uma orientação suficientemente autêntica para permitir a realização total das universitárias e suficientemente ampla para enquadrar todos os temperamentos e personalidades.

Esta orientação universitária tem vindo a ser definida desde 1950. Foi concretizada de forma assaz longa no Primeiro Congresso da Juventude Universitária Católica. Desde então não só esporadicamente se tem tratado dos problemas englobados na vocação universitária em várias reuniões, mas também, de uma forma sistemática, para todas as reuniões que entram na Universidade, se fazem reuniões de preparação sobre a vida universitária e a vocação universitária. E a vocação universitária está sempre nos vários problemas que se tratam como ponto de referência, como uma verdade adquirida, como um ideal firme em relação ao qual temos deveres a cumprir e direitos a manifestar.

Esta vocação universitária e as exigências que dela decorrem não são exigências nem fantasia nossa. Muitas vezes a Igreja e particularmente, o Santo Padre romano, se têm dedicado a esclarecer a vocação universitária, os fins da Universidade, a missão de relevo que os universitários têm na vida social. E, com o Santo Padre, quero acentuar que, quando se fala na excelência da vocação universitária não se quer dizer que os universitários tenham que ser sempre superiores aos demais porque Deus não mudou o modo natural de plasmar as inteligências humanas, mas quer-se dizer que, pelas condições de vida, pela cultura que receberam na Universidade, os universitários têm o dever de contribuir de uma forma decisiva para a evolução social e para a promoção dos seus irmãos das classes menos favorecidas.

Os princípios em que se tem baseado a orientação universitária da JUCF são textualmente os princípios enunciados pelo Santo Padre, a partir desses, os princípios do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos que, através de

vários Congressos, Semanas de Estudo, Publicações e do seu Jornal nos tem dado os elementos de base para a construção do movimento realmente universitário.

É claro que o definirmos a vocação universitária não significa automaticamente que todas as raparigas se tornem valores intelectuais e presenças fortes na vida cultural. Nós não podemos esquecer que a mediocridade do meio ambiente, a estagnação cultural da grande massa dos diplomados, o estado de decadência em que se encontra a Universidade Portuguesa, a inconsciência de muitos governantes e dirigentes, mesmo daqueles que se dizem católicos, todos esses factores têm contribuído para fazer afluir à Universidade uma avalanche de pessoas sem uma preparação, sem a capacidade mínima indispensável para se tornarem de facto, dirigentes na vida social. E assim, a maior parte das raparigas universitárias, tal como os rapazes, não estão em condições de entenderem e de compreenderem a missão que lhes cabe como Universitárias. Por essa razão, não é fácil dar às raparigas universitárias a consciência da sua missão própria. Na acção educativa que a JUCF realiza muitas raparigas são acordadas para essa vocação, mas falta-lhes os elementos naturais indispensáveis à sua realização. Outro perigo não menos importante é de que, deslumbradas pela beleza que há na vocação universitária, raparigas com poucas capacidades apreendam apenas aspectos superficiais e se julguem detentoras de um poder que na realidade não possuem. Mas a essas não podemos nós mais do que ajudar a centrar a vocação da universitária não já num plano natural mas num plano sobrenatural que lhe dê a justa medida do seu valor e das suas possibilidades.

Neste aspecto de realização de vocação universitária, a JUCF tem não só uma missão própria que lhe advem do seu carácter de organismo católico e portanto, atento e aberto a todas as formas de cultura, e possuindo uma responsabilidade em relação a essa cultura, mas ainda mais tem o dever de exercer uma função supletiva em relação à Universidade. Por isso, não se pode dizer que a organização intelectual da JUCF esteja uma vez por todas definida. Antes, ela é determinada pelas condições em que a Universidade se define, pelas lacunas que manifesta, pelas necessidades de formação que impõe.

E a JUCF não pode manter-se alheia a esta deficiência da Universidade que ela tem que suprir, sob pena de formar pessoas com uma certa vida de piedade, mas a quem faltam os fundamentos naturais indispensáveis para realizarem integralmente a sua missão na sociedade e na Igreja.



Não consideramos demais acentuar este aspecto fundamental da formação das universitárias enquanto tais. Com efeito, o que nós vemos habitualmente na vida social são pessoas diplomadas nas Universidades mas que estão longe de atingir aquele nível que nós todos delas esperamos. E o que nós verificamos também, é que a vida post-universitária é de tal modo cheia, de tal modo absorvente, que a recém-licenciada não tem possibilidades de adquirir aquilo que devia ter aprendido durante a Universidade e por isso, ela arrastará pela vida fora as deficiências de uma formação que se revela, afinal, incompleta e deficiente. Portanto, a universitária tem já, durante a Universidade, uma missão importante em relação ao seu próprio futuro. E a JUF não pode ser alheia a esse futuro.

Para a realização da vocação universitária, durante a vida escolar, dois pontos parecem fundamentais:

- a) - o primeiro, é o interesse, o aprofundamento, a seriedade, postos no dever de estado, tanto mais difícil quanto é certo que a maioria dos professores são incompetentes, desonestos, muito abaixo daquele nível que deveriam ter professores universitários. Tais condições acabam por levar a universitária a pactuar com meios ilegítimos de sucesso escolar, a servir-se dos meios mais fáceis de estudo, a não se alargar para além da matéria que o professor ensina na aula. Daí a necessidade constante de fazer um apelo à seriedade, de exigir mais, melhor, mais difícil. Mas este será o maior testemunho que as Jucistas podem dar na sua vida universitária: a de que elas são as melhores, não só como pessoas, mas também como alunas - as mais inteligentes, as mais competentes, as mais sérias.
- b) - o segundo aspecto de que se reveste esta formação universitária para a Universidade, é a abertura cultural, o interesse perante todos os problemas, o abrir de horizontes que dê às pessoas a possibilidade de reflectirem sobre todos os dados da experiência, não de uma forma mais ou menos diletante mas de uma forma séria, e profunda.

Mas se limitamos à vida de estudo, transitória como é, a vida universitária, nós não podemos esquecer, como disse à pouco, que a universitária se está a preparar para um fim que transcende a própria Universidade. Daí que este cuidado posto nas exigências da vocação universitária deva dar um impulso a três aspectos fundamentais para a vida post-universitária:





- a) - justa atitude cultural perante os problemas
- b) - exigência de formação profissional,
- c) - orientação para a responsabilidade social que a universitária terá necessariamente após a Universidade, quer escolha uma profissão, quer esteja num lugar de destaque, quer esteja modesta e recolhidamente na vida familiar.

Ora, o progresso mais flagrante neste domínio parece-nos ser a consciência que se deu já às raparigas Juicistas da existência desta vocação e da existência de numerosos problemas que a ela estão ligados. E hoje em dia, se para algumas se põe o problema pessoal de ter ou não vocação universitária, de ser ou não ser capaz, não há dúvida que ninguém hoje discute as exigências profundas da vocação universitária. Esse parece-nos ser um dos aspectos fundamentais do progresso da JUCF e da sua influência na vida universitária e através dela, na própria Universidade.

1.2. Juventude Feminina

Mas, se um feminista, não poderia esperar que as filhas da JUCF são raparigas. E portanto, a JUCF tem que definir-se também como um movimento feminino. Isto, não naquilo que o nome feminino tem de antiquado, de morno, de rotineiro; mas sim naquilo que o nome feminino tem de novo, de característico e de específico. E neste sentido, os anos que passaram permitiram - e também o estudo que se fez durante o Congresso - definir uma teoria da mulher, de que se deduziram elementos concretos e práticos para aplicação à vida da JUCF.

Na verdade, não foi impunemente que se estudou a psicologia da mulher, o seu lugar na criação e aquilo que Deus dela espera, e aquilo que dela, hoje, espera a Igreja. Esse estudo, realizado pelas dirigentes mais responsáveis levou necessariamente a definir teorias, a definir campos de acção, a definir métodos.

Verificamos que a própria natureza feminina conduz a situações bastante difíceis durante a vida universitária. Na verdade, a rapariga universitária não encara os problemas da sua vida de Universidade tal como o rapaz. Enquanto este é capaz de dominar, habitualmente, todas as situações e colocar o estudo, quando isso se torna necessário, à frente de tudo, a rapariga, pela sua própria natureza, pelo equilíbrio psicológico que a caracteriza, tem uma série de problemas, (em particular os problemas vocacionais) que pesam tanto na sua vida como os problemas de

estudo. Ora, esses problemas vocacionais que a situam para o futuro, fazendo-a transcender um pouco o momento presente e muitas vezes até alhear-se completamente dele, não podem ser esquecidos na definição de uma orientação da JUCF.

A orientação especificamente feminina da JUCF envolve dois sectores:

- a) os problemas que caracterizam a missão própria de cada mulher, e de todas as mulheres; os problemas de educação, os problemas de orientação da juventude feminina, os problemas de presença na vida social, os problemas da paz internacional. Tais são os temas que podem - e devem - preocupar as raparigas universitárias e dos quais a JUCF não pode, sob pretexto algum, alhear-se. Deles a JUCF tem de formar os seus principais pontos de interesse.
- b) o problema da vocação no sentido mais lato. A rapariga universitária põe o seu próprio problema, equaciona a sua própria vocação. E esse é seu dilema e que mais a angustia durante a vida universitária.

Mas para além da especialização dos próprios temas, a rapariga universitária encara-os de uma maneira especial. Daí a JUCF abordar os problemas e desenvolver a sua actividade, utilizando métodos próprios adaptados à maneira de ser feminina, métodos esses que hã-de ser sobretudo:

- 1) métodos indutivos
- 2) métodos de choque
- 3) métodos em que coloquem os problemas nas suas mais largas dimensões, métodos em que não se fique apenas numa abstracção de conceitos, fria, deshumana, desligada da realidade, mas em que se procura uma incarnação dos conceitos, de modo a torná-los vivos, de modo que as raparigas universitárias sejam capazes de conceber ideias em si, tornando-as portanto vivas, reais, e cheias de humanidade. Parece-nos ser este um dos aspectos fundamentais da metodologia a ter em conta na orientação da JUCF, tanto mais difícil de seguir quando se revela de uma forma quasi indefinida.

Neste domínio de orientação feminina podemos dizer que a JUCF é hoje, de todas as Federações Universitárias filiadas na Paz Romana, aquela que mais longe foi e aquela que mais profundamente tem tentado concretizar na sua orientação os aspectos fundamentais de uma teoria sobre a Mulher. E curioso é notar que isto não é apenas uma tentativa mas apenas uma abstracção que se queira inserir à força no Movimento. A verdade é que as raparigas universitárias da JUCF que participam em

reuniões internacionais se destacam por uma orientação própria, precisamente por qualquer coisa de comum que imediatamente as torna credoras da admiração dos outros participantes nessas reuniões e as leva a tomar uma posição firme e decidida perante os problemas.

Por essa razão, a JUCF portuguesa é considerada hoje, no plano internacional, como a Federação que pode dar elementos de mais valor à resolução dos problemas da Mulher no mundo inteiro. E isto não só das raparigas universitárias, mas das mulheres todas, porque será das mulheres universitárias que partirá um dia a resolução dos problemas femininos em grande escala.

1.3. Juventude Católica

O terceiro aspecto que caracteriza a JUCF é necessariamente o de ser Juventude Católica. Parece-nos que também aqui houve um progresso importantíssimo. Ultrapassou-se a fase de uma piedade simples mas elementar, para se entrar numa fase de maior profundidade. Não entra hoje ninguém na JUCF sem ter frequentado um curso em que se definem as bases fundamentais do Acto de Fé, a partir das dúvidas e dos problemas que habitualmente se põem aos jovens universitários. Esse curso, se não é perfeitamente assimilaria perante a Igreja Católica, é superior à maioria Jucista perante os problemas fundamentais do Dogma, encarados já a um nível que não é o do Catecismo elementar.

Para além da formação das novas, a preocupação constante que tem havido na preparação de Militantes e a exigência que se tem posto em Cursos, Reuniões e em toda a espécie de publicações, permite que haja hoje dentro da JUCF uma elite que, não se importa dizê-lo, tem um nível religioso que dificilmente se atinge em raparigas tão jovens. E só isso torna possível por exemplo, que seja fácil a aceitação da Pastoral ou que, perante acontecimentos importantes como os que se estão passando na Hungria, as raparigas universitárias reajam pelo sacrifício, pela oração e pela exigência na sua vida toda que só pode ser edificante para quem os contempla.

Parece-nos que, à medida que a JUCF se for desenvolvendo, em que o seu trabalho em relação à Universidade se for tornando mais extenso também, a exigência de formação cristã se vai tornando mais intensa. É preciso que as raparigas universitárias tenham um conhecimento teológico e filosófico e uma vida interior suficientemente fortes e profundos para que neles possam integrar todos os conhecimentos profanos, para que em inteira união com a Igreja possam resolver todos



os seus problemas de mulheres num mundo em evolução.

2. Desenvolvimento de uma estrutura própria

Um último aspecto importante a focar e que, de certa maneira, condiciona a evolução dos outros três, é a estruturação do Organismo. Parece-nos que nestes últimos anos, e em particular durante o ano passado, houve um nítido progresso na estruturação da JUCF.

2.1. Vivência da orientação pelo grupo das dirigentes

O aspecto fundamental da estruturação do Organismo consistiu na tomada de consciência pelas Dirigentes dos aspectos citados atrás. Quer dizer, a estruturação do Organismo decorre imediatamente da consciencialização colectiva perante os aspectos fundamentais em que a sua acção apostólica se baseia. Há por assim dizer, uma Teologia, ou uma Mística, do Organismo, de que as Dirigentes estão conscientes e de que informam toda a actividade apostólica. E só é possível progredir dentro da JUCF na medida em que as dirigentes estiveram sempre peladamente conscientes daquilo que estão a fazer e das razões últimas da sua actividade e orientação.

Fundação Cuidar o Futuro

2.2. Definição de campos de acção do apostolado universitário

A estruturação da JUCF progrediu também pela definição dos campos de acção em que a JUCF se movimenta. Quer dizer, tendo reconhecido que a JUCF não pode limitar-se unicamente a um aspecto religioso desligado da vida e dos múltiplos aspectos que a vida tem, torna-se indispensável que a acção formativa da JUCF se realize em numerosíssimos campos de acção. Aliás tal conceito não é mais do que o corolário da afirmação de que aos organismos de jovens da Acção Católica cabe sobretudo uma Missão formativa nos aspectos fundamentais da vida e em que a acção só intervém como adjuvante da formação.

Esses campos de acção estão hoje em dia concretizados através dos serviços existentes dentro da JUCF, a todos os níveis, desde a Direcção Geral até às Secções onde o número de Jucistas justifica a sua existência. E são eles os seguintes:

- Serviço de formação cultural
- Serviço de formação social
- Serviço de formação internacional
- Serviço de formação profissional
- Serviço de formação artística



- Serviço de formação Litúrgica
- Serviço de formação missionária

Estes sectores, a par dos aspectos básicos de formação religiosa e apostólica, integram os campos de acção em que a JUCF se pode diversificar. Tendem não só a proporcionar uma formação mais completa a todas as Jucistas mas permitem que a JUCF exerça de uma forma mais completa, mais eficaz, e menos dileitante a sua função supletiva em relação à vida universitária, mas ainda ajudar a descobrir vocações. E com isto, acentuamos o terceiro aspecto da estruturação da JUCF.

Curioso é notar que no relatório da Direcção Geral da JUCF de 1952-53, se referimo-nos às dificuldades do Organismo para a sua vida apostólica, dissemos o seguinte:

"A dificuldade fundamental provem de querermos por a fazer apostolado intelectual gente que nem sequer tem a vocação universitária. Daí a dificuldade de encontrar raparigas à altura e de conseguir que todas se interessem pelo Organismo com a feição que se lhe está dando. Este parece ser um dos problemas grandes do Organismo. Cremos que duas soluções serão possíveis:

- "1) - Deixar que a orientação do Organismo faça a selecção natural das Jucistas, trazendo-nos unicamente aquelas universitárias que são susceptíveis de realizar apostolado intelectual.
- "2) - Continuando embora a dar ao Organismo as características intelectuais que lhe cabem, permitir que haja uma especialização dentro da JUCF, de modo a permitir que certas raparigas susceptíveis de receber mas não de dar ou de criar qualquer coisa de novo em matéria intelectual, sejam orientadas para trabalhos de carácter mais activo, obras sociais, por exemplo."

E dissemos então:

"Não sabemos por enquanto qual a melhor solução. Cremos que só o tempo e a evolução do Organismo nos podem dar uma resposta.

Pois bem: na verdade o tempo e a evolução do Organismo deram-nos esta resposta: que embora continuando a dar ao Organismo a orientação intelectual que lhe cabe, e cujo abandono ou minimização equivalerá a um traído, uma especialização dentro da JUCF, capaz de orientar as raparigas de acordo com as suas capacidades intelectuais e com as suas aptidões, permite uma maior consciencialização da vida jucista, um maior alargamento de perspectivas e ainda maior irradiação entre as



universitárias.

2.3. Condições de base do progresso no apostolado organizado

2.3.1. Formação de competências

A formação de competências nos diferentes domínios do apostolado é um dos aspectos em que se apoia a estruturação da JUCF. Já o ano passado salientamos a tendência que existe dentro da JUCF de lutar contra o amadorismo fácil. Essa tendência não fez feito senão acentuar-se, e parece-nos ser um dos pontos de apoio de toda a orientação Jucista. Só gostaríamos que ela fosse também a base de toda a orientação da Acção Católica.

2.3.2. Equilíbrio entre a teoria e a prática

A estruturação da JUCF decorre ainda dum factor importantíssimo que é a lei do equilíbrio entre um idealismo profundo, resultado do conhecimento do que se pede à JUCF no mundo de hoje e, por outro lado, de um realismo não menos profundo, que tem em conta as dificuldades e limitações das pessoas, as deficiências das instituições em que as pessoas se determinam e movimenta.

Em dois sectores de orientação essa necessidade de equilíbrio é particularmente sentida e, por isso, procurou-se:

- 1) - dar às reparagens universitárias a profundidade doutrinal de que estão à espera nos múltiplos domínios não só da sua especialidade, mas dos grandes problemas culturais e sociais sobre os quais o pensamento católico tem de debruçar-se no momento presente, e ao mesmo tempo, evitar que o conhecimento, mesmo superficial de tal doutrinação acabe por levar a um intelectualismo barato, a uma convicção de conhecimento que não é mais do que um verniz que depressa tombará.
- 2) - Orientadas que estão as Jucistas para os problemas culturais e sociais de grande envergadura, orientadas que estão para a renovação da própria Universidade, fácil é perder o sentido de acção pessoal. Importa pois que o equilíbrio se mantenha entre uma acção pessoal viva e autêntica e uma acção sobre as instituições não menos consciente.

2.3.3. O Organismo é uma obra dos seus filiados e não só dos seus Dirigentes

A estruturação da JUCF parece revelar-se ainda em relação a um aspecto que há alguns anos atrás se focava habitualmente. Então, dizia-se que a JUCF não podia

progredir porque as raparigas universitárias estavam demasiado absorvidas com a vida de estudo. Hoje, essa absorção continua. No entanto, a JUCF tem nas suas actividades as suas raparigas habitualmente presentes. E isto precisamente porque conseguiu despertar-lhes interesse e tornar-se uma obra delas e um movimento delas.

2.3.4. Acção e relação entre Dirigentes e Jucistas

Outros aspectos não menos importantes podem contribuir, e parecem ter contribuído para a estruturação da vida Jucista. Habitualmente, duas soluções se encaram para a realização de um movimento apostólico; ou se aceita o princípio que todas as orientações hão-de partir de um órgão coordenador e orientador, caindo então facilmente numa ditadura que os subordinados não suportam ou se parte do princípio que tudo há-de vir da massa que é conduzida e que esta há-de sugerir todos os problemas, encaminhando-se então para uma estagnação que não pode permitir o desenvolvimento harmonioso do organismo e a correspondência às necessidades dos seus filiados. Parece-nos que uma solução intermédia que ao mesmo tempo tenha em conta as duas atitudes, a orientação dos órgãos dirigentes e as reacções e necessidades dos dirigidos, essa solução será sem dúvida a mais eficaz. Há como que uma acção e reacção entre os dirigentes e dirigidos e é do ponto de encontro entre essas duas acções que uma orientação para o organismo se pode definir. É possível esta acção e reacção só na medida em que, para além de reuniões, para além de cursos, para além de publicações, houver o cuidado de manter entre os órgãos dirigentes centrais, portanto entre as responsáveis dos vários Serviços da Direcção Geral e as responsáveis pelos mesmos serviços ou actividades aos vários escalões da vida Jucista, uma estreita colaboração, de tal modo que não seja unicamente a encarregada de um serviço da Direcção Geral que se sinta responsável por ele, mas também as encarregadas Diocesanas e de Secção. Este parece ser o ponto de apoio de uma estruturação eficaz da JUCF. Então, ela assentará não numa Direcção Geral ou num pequeno grupo de pessoas privilegiadas, mas ela assentará num sólido corpo de dirigentes.

2.3.5. Os temas de estudo anuais enquadram-se num plano de formação a longo prazo

A experiência dos anos anteriores permite ainda uma conclusão curiosa quanto a temas de estudo -- e parece-nos ser este um dos aspectos com mais interesse no futuro da JUCF, e não só da JUCF mas possivelmente de outros Organismos de formação da Juventude. -- É que, salvo casos muito excepcionais, a Juventude não pode



andar um ano inteiro à roda de um tema comum a toda a Acção Católica, é impossível ou pelo menos, muito difícil, descobrir um tema que ao mesmo tempo interesse adultos e jovens. Os jovens têm para além desse tema outros mais presentes, mais instantes, sem os quais a sua formação ficará incompleta e inacabada.

Neste sentido a experiência dos anos anteriores permitiu-nos concluir o seguinte: Há sem dúvida um tema indispensável à vida da rapariga universitária, o qual é o da vocação universitária, o da inserção na Universidade, o do conhecimento da instituição universitária.

Enquanto o problema da criança, por exemplo, colocou a rapariga com inenso interesse perante os problemas do futuro, o estudo da adolescência, não lhe disse nada. Compreende-se: sendo a maior parte das raparigas ainda adolescentes, difícil é debruçar-las sobre problemas que ainda lhes estão tão próximos (ou tão remotos, se pensarmos unicamente no futuro).

Por isso a Direcção Geral da JUCF foi levada a pensar que, para além de temas sem ligação e aparecendo esporadicamente na vida das Jucistas e comprometendo até aquele período a vida de formação por que a JUCF é responsável em relação às suas filiadas, mais do que isso interessa ter na vida Jucista temas de base considerados indispensáveis para a formação e para a vida futura das Jucistas. E neste sentido se encareu então o problema do próximo ano, de modo a estruturar toda a vida Jucista à volta de um plano de base, em que a rapariga universitária que frequente a JUCF normalmente possa sair da Universidade com uma bagagem razoável no domínio do pensamento católico em relação aos grandes problemas contemporâneos e da sua vida pessoal. O plano para esses temas consta das actas do Conselho Geral de Outubro de 1956.

II - Direcção Geral

1. Vida Interna

A estruturação da vida interna da Direcção Geral foi uma consequência lógica do trabalho realizado pelas Direcções Gerais que nos precederam. Com efeito, foi com essas Direcções, que a equipa do Geral se tornou para além dum grupo de pessoas fazendo um certo número de tarefas determinadas, e realizando burocraticamente uma reunião todas as semanas, se tornou numa equipa de irmãos no trabalho



e que uma vez por semana, tal como a vida das Faculdades, têm a sua reunião de militantes, em que a par das actividades da Direcção há um cuidado que não é menor, na formação das pessoas.

Em todo o caso, a experiência mostra que é difícil manter o equilíbrio entre uma formação espiritual que há-de ser profunda, tal como convém a dirigentes nacionais, mas que ao mesmo tempo, não faça perder ou gastar tempo, que nessa altura será retirado ao estado, à realização e à programação das actividades que só à Direcção Geral cabe emprender. Aqui o sítio exatíssimo da Presidente Geral desempenha uma função importantíssima.

A vida interna da Direcção Geral durante o ano de 1955-56, decorreu a princípio de maneira um pouco difícil, mas há medida que o tempo foi passando e as actividades se foram tornando instantes e que a necessidade do trabalho se foi revelando árduo para todos os membros da equipa da Direcção Geral, conseguiu-se no fim do ano ter uma equipa verdadeiramente uma. E dessa evolução se tirou a seguinte conclusão: é que, à medida que o organismo se estrutura, as reparigas tendem a desejar possuir muita responsabilidade. A Presidente terá de ser, portanto, não só a pessoa muitíssimo competente, mas ao mesmo tempo, uma pessoa muito firme, capaz de orientar e conduzir as reparigas no caminho devido.

À excepção de um caso que foi bastante difícil e que ainda hoje nos preocupa, pode dizer-se que a Direcção Geral da JUF no ano passado correspondeu completamente à sua missão perante a Igreja e perante a Universidade.

A generosidade, a dedicação, a competência, postas na realização do trabalho por todos os membros da Direcção Geral foram na verdade edificantes. E parece-nos que seria difícil conseguir mais de gente tão jovem e tão pouco experiente.

Um único aspecto merece, e necessita ainda, um novo impulso e uma nova orientação da parte das novas Direcções, o qual é, o da iniciativa, e da oportunidade e actualidade das actividades, nas orientações, na realização de todos os trabalhos. Estando a maior parte das Dirigentes absorvidas ou com a sua vida de estudo, ou com a sua vida profissional, difícil é dar aos trabalhos toda a pontualidade que se deseja. Háverá que manter um justo equilíbrio entre o seu dever de estado e essas exigências da vida Jucista.

A maior dificuldade da vida interna da Direcção Geral resultou, sem dúvida, da extrema absorção de trabalho de algumas das suas Dirigentes mais responsáveis

e em particular, da Presidente Geral. Podemos dizer que maior teria sido o progresso e ano passado se a Presidente Geral da JUCF tivesse podido dar ao Organismo toda a atenção, todo o trabalho e todo o estudo de fundo que ele requeria. Mas parece-nos que, na medida em que fôr necessário ter à frente da JUCF Dirigentes com bastante experiência e portanto, quase sempre comprometidas com uma vida profissional já muito intensa, a Direcção Geral da JUCF terá que contar sempre com uma situação de compromisso. Em todo o caso, se essa situação tem dificuldades e desvantagens, também a possibilidade dum grande contacto com a vida real e dum orientação da JUCF que corresponda às necessidades que esse contacto ven revelar, são aspectos a ter em conta.

O aspecto mais importante da estruturação interna da Direcção Geral consiste no facto de se ter conseguido ao longo destes anos, criar no espírito dos dirigentes gerais, uma verdadeira dedicação à Igreja, e uma verdadeira devoção ao ser serviço acatando e respeitando as orientações da Hierarquia. Uma inteira disponibilidade ao serviço da Igreja, e desejo de realizar na vida toda um serviço autêntico da Igreja, parecem ser dos aspectos mais importantes do espírito que reina na Direcção Geral da JUCF.

Fundação Cuidar o Futuro

2. Relações com outros grupos apostólicos

2.1. Relações com a Direcção Nacional da JCF

No que diz respeito às relações com a Direcção Nacional, pode dizer-se que num plano pessoal essas relações foram o melhor possível. Também a Direcção Nacional sempre acompanhou com o maior interesse todas as actividades da Direcção Geral da JUCF. Mas um ponto parece importante salientar: é que a Direcção Geral da JUCF não encontrou, da parte da Direcção Nacional a compreensão e o estímulo para a sua orientação que seiram de esperar. E, nas dificuldades que a Direcção Geral da JUCF encontrou para fazer compreender aos outros Organismos da Acção Católica a justeza da sua orientação e a atitude certa perante as palavras do Santo Padre no domínio do Apostolado Universitário, não foram de modo nenhum secundadas pela Direcção Nacional da JUCF.

Não queremos com isto fazer uma censura, pouco estatutária, à Direcção Nacional da JCF. O que pretendemos, é pedir à Direcção Nacional que tenha em conta a pouca idade das Dirigentes da JUCF e que portanto, não as perturbe com opiniões pessoais, mal fundamentadas e carecendo do apoio de um estudo sério, no que diz respeito à orientação que a JUCF está tomando. Pois se é possível a



dirigentes com alguma experiência e conhecendo mesmo o trabalho universitário no plano internacional passaram indiferentes às apreciações dos outros organismos da JCF e mesmo da Direcção Nacional, e mesmo não sucederá com Dirigentes mais jovens e necessariamente hesitantes na determinação da orientação que cabe ao organismo.

Por isso, a Direcção cessante pede à Direcção Nacional e aos futuros membros da Direcção Nacional, que estudem cuidadosamente a orientação da Juventude Universitária, tal como se depreende das palavras do Santo Padre e dos estudos que sobre esse assunto têm sido feitos.

Outro aspecto nos parece importante: Certos problemas de carácter geral de formação foram considerados por alguns Organismos da JCF. A JCF tomou então determinada posição, que considerou ortodoxa, pois que era estritamente baseada em documentos do Santo Padre e no património da Teologia Moral da Igreja. No entanto, essa posição não foi aceite e foi muitas vezes violentamente criticada pelos outros Organismos e pela própria Direcção Nacional. Também aqui nos parece legítimo pedir maior prudência na maneira de orientar pessoas, e sobretudo, que a Direcção Nacional tenha em conta a sua própria responsabilidade no que diz respeito à orientação dos Organismos.

2.2. Relações com a Junta Central da Acção Católica

As relações com a Junta Central, podem considerar-se boas. No entanto, parece-nos que a Juventude Universitária tem que pedir à Direcção da Acção Católica Portuguesa que, para evitar dificuldades que ela tem encontrado nos últimos anos, dentro da própria Acção Católica, a Direcção da Acção Católica Portuguesa defina concretamente a orientação que a JCF deve seguir, melhor, que até o seu acatado e o seu apoio à orientação em vigor na JCF de há seis anos para cá.

2.3. Relações com os Organismos da JCF

A colaboração com os outros Organismos da JCF foi, pode dizer-se, nínima. Embora o espírito de amizade tenha reinado entre as dirigentes, é verdade que na ordem prática, pouca ou nada se fez como colaboração. Apesar das dúvidas, abertas e francamente manifestadas pelos vários Organismos da JCF quanto à necessidade de uma especialização de Apostolado Universitário, o que é facto é que os outros Organismos da JCF pedem com frequência dirigentes à JCF. E, se é certo que ainda não foi possível dar, em especial à JCF, todas as dirigentes

que o Organismo precisa, e que é facto é que tem aumentado grandemente o número de Dirigentes dos outros Organismos da JCF que têm saído dos quadros da JCF.

2.4. Relações com a JIE

A colaboração com a JIE foi também bastante reduzida. Isto, devido não só a circunstâncias pessoais muito especiais, mas ainda ao facto de que os dois Organismos estão em fases de desenvolvimento diferentes e que não havia motivo suficientemente forte e suficientemente presente que os obrigasse a tomar uma colaboração constante e imediata. Essa colaboração residia especialmente, na realização do Encontro Nacional de Dirigentes, no Porto.

2.5. Relações com a LUCF

A colaboração com a LUCF fez-se através de uma Comissão de Estudos dos problemas da LUCF, de que fez parte uma Dirigente da Direcção Geral da JCF, actualmente a Presidente Geral. Embora esse grupo tenha trabalhado bastante bem, não atingiu no fim, os resultados práticos que se visavam. Em todo o caso, a remodelação da Direcção Geral da LUCF, que está hoje constituída por elementos saídos da JCF, parece-nos ser um alicerce para uma colaboração mais efectiva no futuro.

2.6. Colaboração Internacional

A colaboração internacional estabeleceu-se também numa base muito boa. Para além do facto particular de a Presidente Geral da JCF ser, ao mesmo tempo, Vice-Presidente do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos, o que permitiu sem dúvida, um estreitamento de relações muito grande entre a JCF e outras Federações pelo mundo fora, a própria Direcção Geral, através do seu serviço especializado esteve em contacto com o Secretariado Internacional e com o Sub-Secretariado da Pax-Romana e com várias Federações. E essa colaboração internacional permitiu acordar grande número das nossas Militantes para uma consciência internacional verdadeiramente cristã, e ao mesmo tempo, dar-lhe uma justa medida dos problemas que no campo político e no campo cultural se põem ao nível internacional.

Curioso é notar que, no plano internacional, a projecção da JCF é de tal modo grande e o prestígio de que goza sempre as Delegadas que temos enviado às reuniões internacionais é tão forte, que a JCF é hoje considerada, dentro da Pax Romana, como a Federação mais perfeitamente organizada.

3. Programa do Ano

O programa do ano, que tinha sido centrado sobre "a reparação universitária e a educação da adolescência", não resultou nesse aspecto por motivos já indicados atrás. Mas naquilo que se refere à realização de cursos, à vida de equipe, às reuniões de Faculdades, pode dizer-se que o programa do ano constituiu um progresso na vida Jucista. Realizaram-se as campanhas habituais, de caloiras, Natal e Páscoa, todas elas com as características habituais e que conduziram a resultados palpáveis na vida universitária.

Dentro do programa do ano alguns aspectos importantes interessa salientar, e que são os seguintes:

- 1) - Através do Serviço da Paz Romana conseguiu-se fazer um estudo de problemas políticos para um pequeno grupo de estudantes
- 2) - Através do Serviço Cultural, despertaram-se algumas pessoas para problemas de carácter cultural
- 3) - O Serviço de Formação Social lançou pela primeira vez um trabalho de Missões. Estas Missões realizaram-se em quatro localidades e, apesar de nelas estarem participados poucos Jucistas, foram sem dúvida um êxito e constituem um dos aspectos fundamentais a desenvolver na evolução da JUCF
- 4) - A Direcção Geral realizou, em colaboração com a JUCF, um Encontro Nacional de Dirigentes, no Porto. Esse Encontro que estudou os problemas da Cultura e da Fé dos universitários, teve muito interesse e permitiu a discussão de temas fundamentais para o Apostolado Universitário.
- 5) - A Direcção Geral promoveu ainda, nos fins de Julho princípios de Agosto, dois corpos de Férias Regionais, um perto de Lisboa e outro perto do Porto, no qual participaram cerca de 190 raparecidas universitárias, tendo-se debatido temas fundamentais do mundo moderno. Estes Corpos despertaram grande interesse e foram muito bons para o futuro da JUCF, pela projecção que permitiram dar a certos temas, pelo espírito de comunidade que criaram, pela elevação cultural com que decorreram. Imediatamente a seguir a estes Corpos a Direcção Geral realizou em Fátima um Curso de Militantes, em que participaram 110 Militantes, e que foi sem dúvida dos melhores cursos a que temos assistido na JUCF, quer pela elevação.

quer pela seriedade de trabalho, quer pelas conclusões e pelo realismo que se puseram nas soluções a ensaiar.

Dentro do Programa do Ano, interessa salientar ainda as publicações, "Militantes", saiu regularmente e ao que parece, com bastante interesse, se bem que um pouco difícil para o comum dos Militantes, "Presença", saiu menos regularmente, devendo-se o facto sobretudo a uma certa falta de iniciativa de que a Direcção Geral foi responsável.

III - Vida da JUCF nas Dioceses

1. Lisboa

A JUCF em Lisboa passou sem dúvida um período difícil. Na verdade, trabalhou à base de uma Direcção Diocesana inteiramente nova, constituída por elementos com pouca experiência de Direcção. No entanto, pode dizer-se que o trabalho foi positivamente bom, sobretudo no aspecto de formação de aspirantes, onde a Encarregada de Aspirantes, hoje Presidente Diocesana, desempenhou uma missão importantíssima, com imenso zelo, iniciativa, e verdadeira inteligência da sua missão. A Presidente Diocesana, apesar de muito nova, soube compreender todos os aspectos da orientação da Direcção Geral e foi de uma dedicação exemplar no cumprimento do seu cargo.

As Dirigentes de Lisboa, bem como as Militantes, são aquelas que, nas actividades nacionais mais se manifestam e ralmente, as que parecem ter maior nível cultural e maior fogo apostólico. São estes sem dúvida factores a ter em conta, e a aproveitar para a vida da JUCF. Mas tal como já se frisou o ano passado, é importante que na orientação a dar à Diocese se tenha sempre em conta o perigo que essas mesmas qualidades representam. A auto-suficiência e o convencimento de uma superioridade de qualquer espécie são a negação mesma da humildade autêntica, condição indispensável de todo o apóstolado. Por outro lado ainda, é fácil que em Lisboa, e devido a essas mesmas características que salientamos, as pessoas se detenha em certa crítica fácil que pode prejudicar grandemente a vida da JUCF.

Importa pois, a meu ver, dar às Dirigentes uma profunda consciência das suas limitações, levá-las a ver que as qualidades que possuem têm de ser orientadas para o bem dos outros, criar na Diocese um verdadeiro espírito de missão, capaz de levar as pessoas a interessarem-se por coisas concretas e não se detorem unicamente em teorias e em palavras mais ou menos bonitas. E sobretudo, pôr



diante das Jucistas, principalmente daquelas que se julgam valores e de certa maneira actuan em relação às outras na base desse convencimento, dirigentes verdadeiramente competentes e ao mesmo tempo, verdadeiramente santas que lhes façam tomar a justa diferença que há entre a competência no plano natural e a santidade e a sabedoria no plano sobrenatural.

O interesse das Jucistas de Lisboa pelas actividades culturais deve permitir também um maior desenvolvimento e um maior aprofundamento de actividades culturais a longo prazo, quer se trate de cursos integrados no plano quinquenal, quer de actividades esporádicas e que podem servir de ponto de partida para uma vida apostólica intensa. E nisto incluem os passeios, as visitas a Museus e outras coisas com interesse, os concertos, os comentários de poesia ou de literatura, todas aquelas coisas que podem de alguma maneira interessar e despertar para uma vida diferente. Sobretudo, é indispensável que se façam dessas actividades culturais elementos de verdadeiro apostolado. Isto parece-nos ser um ponto importantíssimo a explorar em Lisboa.

2. Porto

Fundação Cuidar o Futuro

A Diocese do Porto melhorou extraordinariamente em relação ao ano anterior. Com efeito, se o ano anterior tinha sido um ano em que pouco se fez e em que a desorientação marcou a actividade do Porto, este ano, mercê da tomada de consciência das Dirigentes e em particular do esforço desenvolvido pela Presidente Diocesana, o Porto conseguiu realizar um trabalho que se pode considerar importante: de consciencialização das suas Militantes, de formação das novas, de lançamento dos vários serviços Jucistas. Muitas actividades tiveram no Porto a importância que a Direcção Geral desejava dar-lhes. A realização do Centro Nacional no Porto foi um facto que influuiu também para o progresso da Diocese.

Caracterizam-se as Jucistas do Porto por um espírito um pouco provinciano, quer dizer, há pouco sentido de risco, as pessoas calculam talvez de mais e têm medo de muitas coisas. Na acção a desenvolver junto delas é indispensável ter em conta esse factor psicológico e, sobretudo, torná-las verdadeiramente mais activas mais apostólicas, tornando o seu catolicismo e a sua vida de piedade profundamente inseridos na sua vida quotidiana. Como aspectos positivos a desenvolver, interessa ver que as Dirigentes do Porto pertencem a uma Universidade em que não há Faculdade de Letras que, por muito má que seja, consegue dar ao ambiente um certo nível e um certo interesse cultural. Por isso, a JUCF terá que exercer em relação

ao Porto uma missão supletiva bastante forte neste domínio. Ao mesmo tempo, deverá tentar-se que cada uma das Dirigentes da JUCF se veja forçada a realizar trabalhos e a aprofundar certas temas que andam habitualmente bastante alheias. Se pudéssemos definir a mentalidade das raparigas do Porto, diríamos que não há ali nenhum exagero, quer dizer, não há, por assim dizer, casos profundamente graves, mas também não há aquela loucura de largar tudo e ir para a frente, a não ser em casos muito especiais. Ora, parece-nos necessário acordar também as pessoas, dar-lhes esse sentido de dinamismo, de doação total e sem reservas à Igreja e às almas.

3. Coimbra

Coimbra constituía no ano passado o problema mais importante da Direcção Geral. Simplesmente, o ambiente mediocre e boémio da cidade de Coimbra influi profundamente na psicologia das raparigas e das próprias Jucistas. Daí que não haja uma continuidade de esforço. Daí, que a influência que os costumes, as tradições exercem na actividade de cada uma, e daí ainda, a falta de estruturação de que o Organismo se recente na Diocese. No entanto, aí se encontraram algumas Dirigentes das mais dedicadas da JUCF, raparigas que tudo sacrificam à JUCF e que, pelas próprias palavras, "eram capazes de dar a vida pela Igreja".

Houve, além disso, o erro de acumular numa pessoas várias actividades e isso conduziu a uma dispersão tal que o rendimento foi praticamente nulo em cada uma delas. Para além destes factores, a incompreensão encontrada dentro da JUCF também contribuiu poderosamente para uma desorientação grande dentro da JUCF. O que é facto, é que para além destes factores de instituição, houve casos muito importantes de acção pessoal. Simplesmente, não houve a persistência para os manter e para lhes dar uma orientação capaz.

A Direcção Geral da JUCF em relação à Diocese de Coimbra terá sempre que ter em conta que esta Diocese precisa de uma assistência contínua, de modo a manter o ~~estímulo~~ e a perseverança em todas as realizações.

Um aspecto positivo do contacto com esta Direcção, é a simplicidade das relações, a franqueza que existe para com as Dirigentes Gerais. Este é um aspecto importantíssimo a aproveitar, na medida em que cada Dirigente Geral deve ser uma formadora de almas e em que, por isso mesmo, nas suas visitas à Diocese e no contacto com as raparigas pode ajudá-las, formá-las, encaminhá-las para uma acção verdadeiramente apostólica.

Em qualquer das três Dioceses se realizaram as actividades determinadas pela Direcção Geral, e se fizeram regularmente as reuniões de Militantes, Equipe, e Gerais. Em algumas Faculdades as reuniões de equipe foram tão frequentes quanto deviam ser, devido quasi sempre à incapacidade de coordenação dos chefes, sendo esse um problema que este ano foi inteiramente revisto e de que se esperam novas soluções.

Cremos poder dizer, em resumo, que a JUCF é uma presença em qualquer das três Dioceses, bastante forte em Lisboa, calma nas freguesias no Porto, e descontínua nas real em Coimbra.

IV - Dificuldades Especiais

É difícil esquetizar as dificuldades da JUCF, tanto mais que muitas são função das condições especiais das Dioceses, como acentuei atrás. Em todo o caso, alguns aspectos me parece de interesse salientar, e não faço mais que repetir aquilo que já disse em relatórios anteriores.

1. Deficiência da Universidade

A primeira dificuldade decorre do carácter da própria instituição universitária, que cada vez mais se afasta do seu caminho não só pelo aspecto fundamental de formar técnicos em vez de homens, mas pelo outro aspecto não menos importante de que nem sequer bons técnicos formar. Daí, que a maior parte das raparigas que nos vêm parar às mãos sejam portadoras de uma cultura no seu domínio especializado, que é incompleta, deficiente e inconsistente.

2. Mediocridade do meio cultural português

Para além da Universidade, o ambiente intelectual do nosso País não é susceptível de enquadrar a actividade Jucista e de lhe dar um suporte na vida social. Daí, que haja muitas vezes um divórcio na vida da Jucista dentro da JUCF e na sua vida para além da JUCF. E ainda que, para além da Universidade, muitas percam os hábitos e o interesse cultural que durante a JUCF tinham sido estimulados.



3. Falta de exigência do meio católico

Também a transigência e a mediocridade do nosso ambiente católico, mesmo do nosso ambiente da Acção Católica, não é propício a corresponder às exigências que a JUCF hoje tem. Isto, não por exigências de vão intelectualismo, mas sim por exigências de verdade. Com efeito, certas sessões que a Acção Católica realiza e das quais no fim se dizem maravilhas, estão longe de corresponder aquilo que a Jucista espera da Acção Católica. Também a facilidade com que se encaram aspectos fundamentais do apostolado e a falta de realismo perante as próprias deficiências são atitudes que, ao menos formalmente, se assemelham muito a uma transigência com as atitudes do mundo. Isto pode conduzir, muitas vezes, se não a um desânimo total pelas coisas cristãs, pelo menos a um certo desgosto, que é um travão para a alegria de pertencer à Acção Católica, que a Jucista devia possuir. Não se quer dizer com isto que se esteja à espera de coisas extraordinárias, mas sim de coisas certas e verdadeiras. A Acção Católica não pode, sob pretexto algum, realizar coisas e transmitir ideias que não correspondam à Verdade. É a uma Verdade actualizada, oportuna, profunda, reflectida.

4. Absorção de tempo das Dirigentes mais responsáveis

Outra dificuldade decorre do facto de, a maior parte das Dirigentes Gerais, ou pelo menos as mais responsáveis, serem raparigas que, ou no fim do seu estudo ou no começo da vida profissional, estão extremamente absorvidas. Dá as condições especiais em que o trabalho deve realizar-se e a dificuldade que ele cria para um equilíbrio psicológico autêntico.

5. Falta de assistentes para as Faculdades

Outra dificuldade que se virá acentuando à medida que a JUCF se for diferenciando e tornando mais exigente, decorre da necessidade de, na vida das Faculdades, um assistente dever estar presente com mais frequência. Se, de certa maneira numa Direcção Geral onde as pessoas são mais experientes, se podem discurrir problemas de Teologia com uma certa garantia de Verdade, o mesmo não acontece no nível de Faculdade. E o Sacerdote tinha aí uma fonte importante de contacto com as almas. Parece-nos portanto, que o alargamento do quadro de Assistentes da JUCF é um dos aspectos importantes a ter em conta no futuro.



6. Extrema falta de dinheiro

E finalmente, a dificuldade de sempre, a falta de meios económicos para todas as actividades que a JUCF tem que empreender.

V - Propostas

As propostas da Direcção Geral da JUCF para o novo ano constam das conclusões do Conselho realizado no princípio do mês de Outubro e orientado já pela nova Direcção Geral, em colaboração com os membros da Direcção cessante.

Seja-me permitido salientar que o trabalho que a JUCF realizou nestes últimos quatro anos, foi o resultado de um esplêndido espírito de equipe que reinou entre os membros dessa Direcção Geral. E não só das pessoas que hoje continuam nessa Direcção, mas daquelas que, por circunstâncias várias, a abandonaram.

Para além da actual Presidente Geral, que o ano passado deu a sua colaboração à Direcção Geral da JUCF, a Vice-Presidente Geral actual e a actual Secretária Nacional foram dos elementos que mais contribuíram para que a JUCF nestes últimos anos realizasse todo o seu intenso programa.

E não quero esquecer, de modo particular, aquelas que abandonaram a Direcção Geral da JUCF, em especial a Maria Suzana Gaspar de Almeida, ex-Vice-Presidente Geral, que pela sua cultura e pela sua profunda inserção na vida da Igreja deu à JUCF uma espiritualidade e uma certeza admiráveis.

E ainda, de um modo muitíssimo especial, a Maria Joana Emiliano e a Fernanda Póvoas que constituíram com a Presidente Geral cessante, uma equipe que durante quatro anos esteve à frente da orientação da JUCF e uma pela sua cultura e pela sua inserção na doutrina da Igreja, pela sua facilidade de encarar os problemas, outra pela sua imensa generosidade, pelo seu espírito de dedicação inextinguível, foram sempre um estímulo, um apoio e uma certeza na vida da Direcção Geral da JUCF.

A Presidente Geral